

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“O QUE SIGNIFICA ESSE SILÊNCIO?” CONFLITO
INTERPARENTAL SILENCIOSO, CONFLITO
FAMILIAR E ADAPTAÇÃO PSICOLÓGICA DE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Ana Inês Sargento Ribeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**“O QUE SIGNIFICA ESSE SILÊNCIO?” CONFLITO
INTERPARENTAL SILENCIOSO, CONFLITO
FAMILIAR E ADAPTAÇÃO PSICOLÓGICA DE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Ana Inês Sargento Ribeiro

Dissertação orientada pela Professora Doutora Carla Crespo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2017

O conteúdo desta dissertação reflete o trabalho e as interpretações do autor à data da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela e parcimónia. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma resulta do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são citadas todas as fontes utilizadas. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Carla Crespo, por todo o conhecimento que sempre tentou transmitir, pela sua disponibilidade e dedicação. Pela confiança e, sobretudo, pelo interesse que transpareceu no meu trabalho. Por todas as forças que me deu, as quais foram indispensáveis para finalizar esta etapa. Obrigado por ter acreditado.

À Dr.^a Ana Tavares, por toda a partilha e ajuda indispensáveis ao longo de todo o percurso. Um sincero obrigado pela disponibilidade e pelo interesse contínuo no decorrer desta etapa. Agradeço, do fundo do coração, todas as palavras e incentivos.

A todas as famílias que aceitaram participar nesta investigação e que, por conseguinte, permitiram a concretização da mesma.

À Vera Correia, por me ter acompanhado desde o início. Pela motivação, pelo carinho, pela ajuda incansável e pelas partilhas constantes. Obrigado por tudo o que fizeste por mim e pela amizade que construímos ao longo destes cinco anos.

À Inês Isabel, por ter estado comigo desde o primeiro dia da faculdade e, sobretudo, por ter partilhado estes dois últimos anos de sistémica comigo. Obrigado por todos os momentos de amizade sincera.

À Carolina Gonçalves, por ter sido a melhor colega de casa. Por todas as partilhas, por me ouvir nos momentos mais difíceis e por ter estado sempre presente em todas as minhas vitórias.

Às amigas que Lisboa me deu, as quais tornaram possível o nascimento de um grande amor por esta cidade. Agradeço, principalmente, à Inês Santos, à Maria Ramos, à Catarina Nunes, à Rute Paço, à Maria Silva, à Filipa Marques, à Inês Henriques e à Inês Baptista por toda a amizade ao longo desta caminhada.

À Johanna Ribeiro e à Joana Alcaide, por terem sido as melhores amigas que eu poderia ter ao longo de todo este percurso. Por me ouvirem e por terem sempre algo a dizer. Agradeço, do fundo do meu coração e com sinceridade, toda a amizade e carinho.

À Cristiana Fresco, pelos sorrisos que me proporcionou. Por ter acreditado sempre, mesmo quando eu própria duvidava. Por estar sempre do meu lado.

A todos os meus amigos que me acompanham desde sempre, pela compreensão da ausência, pela força, pelo apoio constante e pela amizade incondicional.

Aos meus avós, por todo o amor e por todo o carinho. Por todo o interesse genuíno e apoio constante. Por tudo o que fizeram, e continuam diariamente a fazer, por mim.

À minha bisavó, por ter estado sempre presente e interessada em todo o meu trabalho. Por ter assistido a todo este percurso e por todas as palavras sábias nas alturas certas.

Aos meus primos, por serem como irmãos e por terem assistido a todo este caminho de perto. Por toda amizade e por todo o amor.

Ao meu padrinho e à minha madrinha, por terem estado sempre presentes nos momentos mais importantes da minha vida e por todas as demonstrações de interesse pelo meu trabalho.

A todos os meus tios, por todo o carinho, por toda a compreensão e por todo o apoio. Por todo o otimismo e pela disponibilidade constante.

À minha tia Lúcia, a um dos grandes exemplos que tenho a sorte de ter presente na minha vida, por todo o amor e pela ajuda constante. Por estar sempre disposta a ouvir-me e por me compreender tão bem. Por ter acreditado sempre em mim, por toda a motivação e por toda a disponibilidade.

Ao Bruno, meu namorado e meu melhor amigo, por tudo aquilo que fez e continua a fazer por mim. Por ter sido um grande apoio ao longo deste e de tantos outros percursos. Obrigado por teres estado sempre presente e por teres compreendido as ausências no decorrer desta etapa. Obrigado por seres o primeiro a acreditar em mim.

Ao meu irmão, o meu grande amor, por todo o apoio, por toda a amizade e por todo o carinho.

Por fim, aos meus pais, aqueles que tornaram todos estes sonhos possíveis e que contribuíram cada segundo para a sua concretização. Agradeço toda a força que me transmitiram, a qual foi essencial para ultrapassar cada etapa deste longo percurso. Obrigado por tudo. Estarei eternamente grata.

ÍNDICE

Resumo	1
Abstract.....	2
 Introdução	 3
 Enquadramento Teórico	 4
Conflito Familiar e Conflito Interparental	4
Hipóteses Explicativas da Associação Entre A Relação Conjugal e a Relação Parental	6
Comunicação e Expressões de Conflito.....	7
Conflito Interparental Silencioso e Adaptação Psicológica das Crianças e dos Adolescentes	8
A Presente Investigação.....	12
 Método.....	 13
Participantes.....	13
Procedimento	14
Variáveis e Instrumentos	16
Mães.	16
Conflito interparental silencioso.	16
Crianças/Adolescentes.	16
Conflito familiar.....	16
Problemas emocionais e comportamentais.	17
Bem-estar.	17
Análise de dados	18
 Resultados.....	 19
Análises de correlações.....	19
Modelo de mediação	20
 Discussão	 21

Limitações e Implicações para a Investigação.....	25
Conclusão.....	26
Referências Bibliográficas.....	28

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização da amostra.

Tabela 2 - Correlações entre conflito interparental silencioso, conflito familiar, problemas emocionais e comportamentais e bem-estar ($N=154$ díades) e médias, desvios padrão e alfas de Cronbach das variáveis em estudo.

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelo *path analysis* que testa os efeitos diretos e indiretos, através do conflito familiar, entre o conflito interparental silencioso das mães e os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar de crianças/adolescentes

Resumo

O conflito pode expressar-se de diversas formas, incluindo manifestações verbais e/ou físicas e rupturas na comunicação. O conflito interparental silencioso, apesar de ainda pouco estudado, tem sido recentemente associado a problemas de adaptação psicológica e a níveis reduzidos de bem-estar nas crianças/adolescentes. A presente investigação tem como objetivo analisar as associações entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica de crianças/adolescentes. Especificamente, examinaram-se as associações, quer diretas, quer indiretas, através do conflito familiar percebido pelos filhos, entre o conflito interparental silencioso percebido pelas mães e os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar dos filhos. No presente estudo participaram 154 díades: mães entre os 34 e os 57 anos ($M=43.72$, $DP=4.88$) e crianças/adolescentes entre os 8 e os 19 anos ($M=13.03$, $DP=2.97$). Através de questionários de auto-relato, as mães avaliaram o conflito interparental silencioso e as crianças/adolescentes reportaram acerca do conflito familiar, problemas emocionais e comportamentais e bem-estar. Relativamente aos resultados, verificou-se uma correlação positiva entre o conflito interparental silencioso e o conflito familiar. O conflito familiar estava positivamente correlacionado com os problemas emocionais e comportamentais e negativamente com o bem-estar das crianças/adolescentes. Os resultados confirmaram o papel mediador do conflito familiar nas relações entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica das crianças/adolescentes (problemas emocionais e comportamentais e bem-estar). Em conclusão, o conflito interparental silencioso, à semelhança do conflito verbal e/ou físico, está associado a resultados negativos de adaptação a nível familiar e individual. Realça-se a importância de considerar o subsistema parental, nomeadamente a avaliação da existência e tipo de conflito neste subsistema, na intervenção com crianças/adolescentes.

Palavras – Chave: conflito interparental silencioso; conflito familiar; adaptação psicológica; crianças/adolescentes.

Abstract

Conflict can be expressed in a variety of ways, including verbal and/or physical manifestations, as well as cutting the communication. Although silent interparental conflict is still under researched, it has recently been associated with worse psychological adaptation and reduced levels of well-being in children/adolescents. The main goal of this research was to analyze the links between silent interparental conflict and the psychological adaptation of children/adolescents. Specifically, we examined direct and indirect (via family conflict) associations between silent interparental conflict perceived by mothers and the behavioral and emotional problems and the children's well-being. This study included 154 dyads: mothers aged between 34 and 57 years old ($M = 43.72$, $SD = 4.88$) and children/adolescents between 8 and 19 years old ($M = 13.03$, $SD = 2.97$). Using self-report questionnaires, mothers assessed silent interparental conflict and children/adolescents reported on family conflict, behavioral and emotional problems, and well-being. We found a positive correlation between silent interparental conflict and family conflict. Family conflict was positively correlated with behavioral and emotional problems and negatively correlated with the well-being of children/adolescents. Results confirmed the mediating role of family conflict in the relationships between silent interparental conflict and children/adolescents' psychological adaptation (emotional and behavioral problems and well-being). In conclusion, silent interparental conflict, such as verbal and/or physical conflict, is associated with negative outcomes of family and individual adaptation. Thus, for the intervention with children/adolescents, it is important to consider the parental subsystem, namely the evaluation of the existence and type of conflict within this subsystem.

Keywords: silent interparental conflict; family conflict; psychological adaptation; children/adolescents.

Introdução

O conflito é um dos tópicos mais estudados no domínio das relações interpessoais. No âmbito dos estudos sobre a família, o conflito interparental devido às suas potenciais consequências negativas não só para os pais, mas para as crianças e adolescentes e para a família como um todo tem despertado o interesse de clínicos e investigadores. Existem evidências de que os conflitos caracterizados por elevados graus de hostilidade e de agressões físicas e verbais parecem ser especialmente prejudiciais para as crianças e adolescentes, uma vez que são considerados destrutivos (Goeke-Morey, Cummings, Harold & Shelton, 2003). A literatura existente tem dirigido o seu foco para as expressões físicas e verbais do conflito interparental, negligenciando o facto de este se poder caracterizar por expressões não físicas e não verbais, podendo estas demonstrar-se através de uma distância entre as partes envolvidas. Desta forma, importa considerar o conflito interparental silencioso, uma vez que existem evidências que referem que o comportamento de evitamento do conflito está também associado a problemas de adaptação, quer dos pais, quer das crianças e adolescentes, tais como problemas de comportamento (Katz & Woodin, 2002), problemas de internalização (Buehler et al., 1998) e sintomas de depressão e comportamento antissocial (Bradford, Vaughn & Barber, 2008).

Assim, o presente estudo sobre o conflito interparental silencioso pretende contribuir para colmatar a lacuna existente na literatura. O seu principal objetivo é analisar as associações entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica das crianças e adolescentes, nomeadamente os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar.

A presente dissertação encontra-se organizada em quatro partes. Primeiramente, inicia-se com o enquadramento teórico, onde será apresentada uma revisão da literatura acerca do conflito familiar, do conflito interparental silencioso e da adaptação psicológica das crianças e dos adolescentes. Posteriormente, segue-se a apresentação da metodologia, onde se caracteriza a amostra e se apresentam os instrumentos utilizados, bem como os procedimentos da recolha e da análise de dados. A terceira secção diz respeito aos resultados obtidos e, por fim, a quarta à sua discussão, onde serão também apresentadas algumas limitações e conclusões referentes ao presente estudo.

Enquadramento Teórico

Conflito Familiar e Conflito Interparental

O conflito é considerado uma interação humana fundamental (Cummings & Davies, 1994), sendo ainda visto como inevitável nas relações interpessoais (Wilmot & Hocker, 2007). O conflito dentro do sistema familiar tem sido muito estudado ao longo do tempo uma vez que as famílias são consideradas estruturas dinâmicas caracterizadas pela interdependência entre os seus membros. Desta forma, para compreender o funcionamento de um indivíduo importa ter em consideração o sistema familiar como um todo, uma vez que os diversos subsistemas se influenciam mutuamente (Minuchin, 1985). Assim, existem múltiplas razões que conduzem os autores a desenvolver mais investigações nesta área, tais como: é provável que os elementos de uma família se envolvam com mais frequência em conflitos quando comparados com outros grupos sociais (Shantz e Hobart, 1989); é possível que o primeiro conflito vivido por uma pessoa seja experienciado dentro do contexto familiar, sendo natural que as crianças, a dada altura da sua vida, sejam expostas a algum grau de conflito interparental (Kielpikowski, 2011); e, por fim, de acordo com a teoria de aprendizagem social, os pais funcionam como modelos para os comportamentos sociais das crianças sendo que poderão influenciar, mais tarde, as estratégias utilizadas por estas na resolução de conflitos (Bandura, 1977).

O sistema familiar compreende vários subsistemas que se encontram em relação entre si e com o todo. Neste estudo, para além da família como um todo, estão presentes referências ao subsistema conjugal e ao subsistema parental. O primeiro é constituído pelo marido e pela mulher, sendo fundamental para o crescimento dos filhos, constituindo um modelo relacional para estes estabelecerem relações de intimidade no futuro, podendo ainda funcionar como apoio para o casal lidar com o *stress* dentro e fora da família. O segundo é constituído também pelo marido e pela mulher, mas com funções diferentes, sendo a partir das interações entre pais e filhos que as crianças e adolescentes aprendem a lidar com o conflito (Alarcão, 2002).

O conflito familiar como um todo diz respeito a um conflito que ocorre no sistema familiar, abrangendo vários relacionamentos familiares, tais como a discórdia entre díades e tríades, bem como entre relações familiares de maior complexidade (Cox & Paley, 1997) e tem sido associado ao desenvolvimento de problemas de adaptação em

crianças (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2010). Neste seguimento, existem diferentes explicações que tentam descrever como é que o conflito familiar é formado. De acordo com a *hipótese de spillover* (Erel & Burman, 1995), a qual irá ser aprofundada de seguida, o conflito criado a partir de uma díade familiar, é transferido para outra díade, o que facilita a criação de um padrão contínuo de conflito nessas mesmas relações (Margolin, Christensen & John, 1996). Uma outra explicação prende-se com o modelo de triangulação, o qual dirige o seu foco para o conflito existente numa tríade (Minuchin, 1974), uma vez que o casal tenta reduzir a sua angústia envolvendo a criança no seu conflito. Desta forma e, de acordo com estas explicações, uma única díade pode afetar de forma negativa outras relações dentro do sistema familiar, o que resulta em conflitos familiares globais (Horwitz, Neiderhiser, Ganiban, Spotts, Lichtenstein & Reiss, 2010). Neste seguimento, um estudo de Keelan, Schenk, McNally e Fremouw (2014) concluiu que o conflito familiar se encontrava associado a vários problemas durante a fase da adolescência, incluindo ansiedade, depressão, problemas de comportamento e dificuldades nas relações interpessoais.

Uma dimensão de elevada importância a ter em conta quando se aborda o conflito familiar prende-se com a segurança emocional, uma vez que de acordo com a teoria da segurança emocional (Cummings & Davies, 1994) a adaptação psicológica das crianças é influenciada pela medida em que elas se sentem seguras no sistema familiar. Adicionalmente, sabe-se que a adaptação dos adolescentes está relacionada com uma insegurança relativamente à ligação que estabelecem com os pais (DeKlyen & Greenberg, 2008). Assim, a insegurança emocional na família pode aumentar o risco de desajustamento psicológico dos adolescentes, contribuindo para o aumento da desregulação emocional e comportamental, podendo ainda contribuir para o aparecimento de representações negativas relativamente às relações familiares (Cummings & Davies, 1996). Cummings, Koss e Davies (2015) concluíram que a segurança emocional relativamente ao sistema familiar mediava a relação entre o conflito familiar e a adaptação psicológica dos filhos, nomeadamente a ansiedade, a depressão e as dificuldades no relacionamento interpessoal.

Relativamente ao conflito interparental, os estudos indicam que este afeta as crianças e os adolescentes de forma negativa, uma vez que se encontra associado a indicadores negativos de funcionamento psicológico, desempenho académico e ajustamento social nos filhos (Cummings & Davies, 1994; Grych, 2005; Keller,

Cummings, Peterson & Davies, 2009). Especificamente, sabe-se que o conflito interpaparental tem sido associado a problemas de internalização (Gerard, Buehler, Franck, & Anderson, 2005), a problemas de externalização (Grych, Fincham, Jouriles, & McDonald, 2000), a baixa autoestima (Tschann, Flores, Pasch, & Marin, 1999), e ainda a perturbações do sono (El-Sheik, Buckhalt, Mize & Acebo, 2006).

Associação Entre a Relação Conjugal e a Relação Parental: A Hipótese *Spillover*

Os conflitos conjugais têm sido considerados um ponto chave do sistema familiar, encontrando-se frequentemente associados a problemas nas crianças e nos adolescentes, uma vez que afetam de forma negativa a sua adaptação psicológica e o relacionamento que estabelecem com as figuras parentais (Grych, Raynor & Fosco, 2004). Recentemente, um estudo realizado por Benson, Buehler e Gerard (2008) concluiu que a hostilidade interpaparental estava relacionada com uma diminuição da aceitação parental, com níveis mais elevados de rigidez, com uma elevada inconsistência e com níveis superiores de intrusividade.

A partir das evidências supramencionadas, observa-se que existe um forte apoio empírico que defende que a qualidade da relação conjugal está fortemente associada à qualidade da relação entre os pais e os filhos. Uma das hipóteses mais relevantes que explica esta relação é denominada hipótese *spillover*, sendo esta a hipótese que tem sido mais apoiada e que defende a existência de uma associação positiva entre a conjugalidade e a parentalidade, o que significa que os aspetos positivos ou negativos da relação conjugal são transferidos diretamente para a relação pais-filhos, verificando-se uma transferência de afeto, humor e comportamento de um subsistema para o outro (Erel & Burman, 1995). A apoiar a hipótese *spillover* Grych (2002) refere que se a relação conjugal for caracterizada pela existência de conflito e de dificuldades, vai constituir uma fonte de *stress* interpaparental, o que faz com que se verifique uma diminuição dos recursos, da energia e da atenção parental, bem como níveis mais reduzidos de responsividade. Ou seja, a presença de conflito dentro do sistema parental leva a que a capacidade para os pais responderem de forma apoiante diminua. Outra explicação relacionada com a hipótese *spillover* está focada no afastamento parental e refere que o facto de o casal estar preocupado com a sua relação leva a sentimento de exaustão para um envolvimento próximo com os filhos, o que faz com que haja um afastamento parental, podendo

constituir um risco para a segurança emocional da criança na relação com os pais (Cox, Paley & Harter, 2001).

Comunicação e Expressões de Conflito

Para conhecer e compreender as interações familiares é essencial identificar a estrutura dos processos de comunicação (Alarcão, 2002). De acordo com o Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar (Olson, 2000) existem três dimensões a ter em consideração quando se intervém ao nível familiar: a coesão, a flexibilidade e a comunicação (Olson & Goralld, 2003). Esta última tem como função auxiliar o movimento familiar ao longo das primeiras dimensões referidas (Olson & Goralld, 2003). Olson (2000) parte do pressuposto de que competências positivas de comunicação, nomeadamente, a clareza, a empatia e a resolução eficaz de problemas são variáveis facilitadoras de níveis equilibrados de coesão e flexibilidade familiar. Pelo contrário, se existir uma comunicação disfuncional, isso pode levar a problemas ao nível da coesão e da flexibilidade dentro da família (Olson et al., 1983), podendo conduzir a um afastamento entre os parceiros, criando incompreensão e ressentimento (Alarcão, 2002).

Watzlawick, Beavin e Jackson (1993) referem que qualquer comportamento numa interação pode ser considerado comunicação, uma vez que *«é impossível não comunicar»*. Assim, também o silêncio é considerado uma forma de comunicação, mesmo que este não seja intencional e consciente. Desta forma não se pode dizer que uma determinada família não comunica, mas sim que a comunicação existente entre os membros da família não é funcional (Alarcão, 2002). Pode então concluir-se que a metacomunicação é fundamental para que o casal se possa esclarecer, aproximar e ultrapassar conflitos de forma funcional. Quando os conflitos não se resolvem ou quando as negociações são interrompidas pode surgir tensão entre os elementos do casal (Alarcão, 2002).

Apesar do conflito familiar ser muito estudado, a investigação tem dirigido uma maior atenção para as expressões físicas e verbais do conflito interparental, acabando por negligenciar o conflito não verbal e não físico. Porém, vários autores têm sugerido que o comportamento de evitamento do conflito está relacionado com sentimentos de angústia nos elementos do casal, sendo considerado um risco para a estabilidade familiar

(Gottman, 1998) e para a adaptação psicológica dos filhos (De Arth-Pendley & Cummings, 2002; Tschann, Flores, Pasch, & Marin, 1999). Dada a complexidade do conflito, importa compreender que este pode expressar-se através de diversas formas, as quais podem ir desde a manifestação extrema de agressão física, podendo passar por vários graus de discussão verbal e hostilidade, até uma rutura total na comunicação, a qual pode ainda ser caracterizada por um distanciamento entre as pessoas envolvidas (Kielikowski & Pryor, 2008). Pode então referir-se que existem vários tipos de casais: os que evitam os conflitos, os que se envolvem em conflitos de uma forma não eficaz e aqueles que conseguem discutir de forma construtiva e chegar a um acordo mútuo (Gottman & Silver, 1999). Torna-se assim necessário colmatar esta lacuna na investigação, uma vez que existe uma escassez de estudos sobre as consequências que o conflito interparental não verbal e não físico tem para as crianças e adolescentes.

A apoiar a ideia de que existem várias expressões de conflito, a literatura sugere que existe um padrão de procura e de evitamento durante situações de conflito conjugal no qual as mulheres têm maior probabilidade de assumir um papel em que procuram resolver os desacordos e os homens tendem a apresentar uma distância emocional e a assumir uma postura de silêncio (Christensen & Heavey, 1990; Gottman & Silver, 1999). Pelo contrário, de acordo com Papp, Kouros e Cummings (2009), esse padrão de procura e de evitamento pode ocorrer de forma equilibrada entre o casal, sugerindo ainda que quem inicia o conflito tem maior probabilidade de assumir o padrão de procura, como forma de defender os seus interesses.

Conflito Interparental Silencioso e Adaptação Psicológica de Crianças e Adolescentes

Pryor e Pattison (2007) introduziram o termo “*conflito interparental silencioso*” com o objetivo de caracterizar um tipo de conflito que não é verbal nem físico. De acordo com Kielikowski (2011) o conflito interparental silencioso é considerado um desacordo não resolvido entre os pais podendo, portanto, constituir um risco para as crianças e adolescentes. A investigação nesta área, porém, já havia sido iniciada antes da introdução desta denominação específica, tal como se poderá observar de seguida.

Sabe-se que o conflito interpapental silencioso afeta de forma negativa, não apenas os filhos, como também o bem-estar emocional e físico dos pais. Especificamente, esta expressão de conflito conduz a uma maior frequência de sentimentos de ansiedade, humor deprimido, tensão, problemas de sono e cansaço. Assim, as tensões interpapentais podem, posteriormente, influenciar as interações que os pais desenvolvem com os seus filhos, uma vez que relatam tornar-se menos pacientes, tolerantes e acessíveis (Kielpikowski & Pryor, 2008). De acordo com os resultados do estudo de Kielpikowski e Pryor (2008), os pais tinham atitudes em que demonstravam ter pouca paciência com os filhos como, por exemplo, repreendê-los por algo que tinham feito que, na realidade, não tinha assim tanto valor, o que acabava por causar sentimentos de culpa e vergonha por parte de ambas as figuras parentais. Uma das principais características, apontadas pelos filhos, relativamente ao conflito interpapental silencioso, prende-se com o facto de este ser marcado por um conjunto de emoções negativas, o que afeta a família no seu todo, podendo isto verificar-se quando os pais evitavam a família nuclear sob o pretexto de ficarem até tarde no trabalho ou de visitarem familiares. Como consequência, muitos dos filhos, para tentarem resolver a situação de discórdia silenciosa entre os pais, optavam por comportar-se de forma incorreta para chamar a atenção, estar longe de casa como forma de evitar a tensão ou tirar partido de uma das figuras parentais, escolhendo normalmente a que percecionavam como sendo a mais desfavorecida no conflito que estava a ocorrer (Pryor & Pattison, 2007). Assim, estas situações acabam por ter impacto na família, uma vez que afetavam de forma negativa não só os elementos do casal, como também o bem-estar dos filhos ao longo do tempo (Kielpikowski, 2011).

Uma investigação desenvolvida por Cummings e Davies (1994) concluiu que a raiva não-verbal entre os pais é um elemento comum na relação de casal, mas pouco estudado. Devido à sua ambiguidade, comparativamente com as expressões verbais e físicas do conflito, estes autores defenderam que a raiva não-verbal pode ser difícil de identificar. Em 1996, El-Sheikh e Reiter simularam uma discussão entre um casal de atores, os quais utilizaram argumentos verbais, físicos e não verbais (e.g. suspiros e olhares irritados). Estes autores concluíram, que as crianças revelavam níveis de angústia semelhantes como resposta à observação de conflitos verbais e não verbais. Um estudo dedicado aos diferentes estilos de conflito interpapental, concluiu que os adolescentes em famílias cujos pais optavam maioritariamente pelo conflito interpapental silencioso ou por um estilo de conflito “*secreto*”, tinham tendência a desenvolver perturbações de

internalização (Buehler et al., 1998). Outra investigação que sugeriu que o conflito interparental silencioso era igualmente relevante, comparativamente com conflito interparental verbal e físico, foi desenvolvida em 2002, a qual pretendeu observar as reações das crianças relativamente ao conflito verbal e não-verbal dos pais. Esta investigação, realizada por DeArth-Pendley e Cummings (2002) verificou que as reações das crianças ao conflito interparental verbal e não verbal foram semelhantes, sugerindo que as crianças e os adolescentes tendem a avaliar o significado do conflito e não a forma como este se expressa. Investigações mais recentes chegaram à conclusão de que o afastamento interparental tem um efeito a longo prazo em problemas de internalização, de externalização e no ajustamento académico das crianças (Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings & Farrell, 2006; Sturge-Apple, Davies, & Cummings, 2006). Assim sendo, as investigações referidas demonstram que este tipo de conflito interparental não verbal, não físico e não resolvido é também prejudicial uma vez que, apesar de poder não ser tão explícito como o conflito verbal e físico, as crianças têm consciência da sua existência quando este se encontra dentro do sistema familiar (Pryor & Patterson, 2007).

Devido às evidências referidas anteriormente, Pryor e Patterson (2007) desenvolveram uma investigação com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca do conflito interparental silencioso. Os autores concluíram que os adolescentes consideravam que esta expressão do conflito era caracterizada pela acumulação de emoções negativas no contexto familiar, referindo sentimentos de tensão, ansiedade e medo. Adicionalmente, existem evidências que demonstram que quando as crianças estão dentro de um sistema familiar em que predomina o conflito interparental silencioso, podem revelar elevados níveis de ansiedade, confusão, podendo chegar a atingir um humor depressivo global (Buehler et al., 1998). Isto acontece porque as crianças e os adolescentes sentem-se participantes involuntários no conflito, devido ao facto de ser difícil escapar ao ambiente conflituoso constante (Cummings & Davies, 1994). Através dos relatos dos adolescentes e apesar de ser considerado um conflito “*silencioso*”, os autores conseguiram organizar as ações implícitas a que os pais tendencialmente recorriam em três categorias: prática de ações com o objetivo de irritar o companheiro; redução de comportamentos relacionados com responsabilidades da casa e de comportamentos de afeto e, por fim, isolamento e evitamento da família nuclear, nomeadamente do companheiro. Relativamente às consequências do conflito interparental silencioso, os adolescentes mencionaram sentimentos de desamparo,

incapacidade de controlar a situação, insegurança, confusão e culpa, uma vez que achavam que deveriam fazer algo para resolver o desacordo interparental. Para lidar com o conflito interparental silencioso os adolescentes desenvolveram várias estratégias, tais como: comportar-se incorretamente, como forma de chamar a atenção dos pais; ficar longe de casa para evitar a tensão familiar; adotar comportamentos auto-lesivos com o objetivo de se distrair do que estava a acontecer entre os pais, mas também como forma de sentir controlo sobre algo; fingir ter um problema para distrair os pais do conflito e para chamar a atenção dos mesmos; procurar apoio perto de familiares e amigos e tentar melhorar a tensão familiar ajudando nas tarefas domésticas (Pryor & Pattison, 2007).

Grych e Fincham (1990) desenvolveram o modelo cognitivo-contextual do conflito, no qual defendem que os filhos passam por duas fases na avaliação do conflito interparental: primeiramente, observam as várias características do conflito, incluindo a sua frequência, intensidade, conteúdo e resolução, estimando a ameaça que o conflito representa para si próprias; em segundo lugar, as crianças e os adolescentes desenvolvem atribuições sobre o culpado, o que está a causar o conflito e quais as expectativas que têm acerca da sua capacidade para lidar com o que está a acontecer. No entanto, quando se trata do conflito interparental silencioso é difícil conseguirem identificar o conteúdo e a resolução do mesmo o que faz com que, de acordo com Pryor e Pattison (2007), os comportamentos adotados pelas crianças e pelos adolescentes para lidar com este tipo de conflito não sejam os mais eficazes. Um dos aspetos muito referido pelos adolescentes prendeu-se com a dificuldade que tinham em avaliar a situação de conflito interparental silencioso, o que os conduziu a imaginar aquilo que poderia estar a acontecer dentro do contexto familiar levando, por vezes, a interpretações erradas da realidade. Assim, todos estes fatores são considerados como potenciadores de confusão, desamparo, ansiedade, insegurança e ausência de sensação de controlo, o que poderá contribuir para o aparecimento de perturbações de internalização, nomeadamente depressão (Pryor & Pattison, 2007).

Através das evidências supramencionadas, é possível verificar que o facto de os pais optarem pelo conflito interparental silencioso pode constituir um risco para as crianças e para os adolescentes. Katz e Gottman (1993) defendem que existem diferentes estratégias de resolução de conflito utilizadas pelos pais, as quais podem prever os diferentes padrões de comportamento dos filhos. Segundo estes autores, quando os casais são hostis entre si, as crianças e adolescentes tendem a ter um comportamento antissocial,

e quando os casais estão emocionalmente distantes durante as discussões, os filhos tendem a revelar níveis mais elevados de ansiedade e isolamento social.

Pode então, concluir-se que tanto as crianças como os adolescentes estão conscientes da existência do conflito interparental silencioso quando este se encontra presente no interior da família. Para além disso, consideram ser um tipo de conflito distinto do conflito verbal, devido ao facto de o conteúdo não ser claro, o que faz com que acabem por ter dúvidas quanto à existência ou não de um conflito, possibilitando o surgimento de sensações de desamparo e confusão, principalmente se os pais negarem a existência de qualquer conflito entre eles. Quando tal acontece, as crianças e adolescentes tendem a sentir que não têm controlo sobre a situação (Pryor & Pattison, 2007; Kielpikowski, 2011). Adicionalmente, existe um aspeto central que caracteriza o conflito interparental silencioso, o qual se prende com a ausência de resolução e, consequente, manutenção do conflito. Isto acontece porque a sua natureza não verbal faz com que as questões entre o casal não se resolvam, mantendo-se assim ao longo do tempo, o que constitui um elemento de angústia para as crianças e adolescentes (Pryor & Pattison, 2007). Assim, torna-se relevante aprofundar o conhecimento sobre o conflito interparental silencioso, uma vez que a literatura sugere que quanto maior for a sensação de controlo por parte dos filhos, melhor é a forma como lidam com os conflitos (Sandler, Kim-Bae & MacKinnon, 2000).

A Presente Investigação

O presente estudo, com uma amostra de 154 díades mães-filhos, tem como principal objetivo analisar as associações entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica de crianças e adolescentes. Nomeadamente, irão ser examinadas as associações diretas e indiretas através do efeito na perceção do conflito familiar das crianças e adolescentes. Especificamente, elaborámos duas hipóteses principais:

Hipótese 1. Níveis mais elevados de conflito interparental silencioso estarão associados a níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais e a níveis mais reduzidos de bem-estar.

Esta hipótese apoia-se em estudos anteriores que mostraram que o conflito interparental silencioso estava associado a resultados negativos de adaptação para as crianças e adolescentes (e.g. DeArth-Pendley & Cummings, 2002; Pryor & Pattison,

2007). Nomeadamente, verificou-se que uma variante do conflito interparental silencioso, a qual dizia respeito ao afastamento entre as figuras parentais, tinha efeitos a longo prazo em problemas de internalização, de externalização e no ajustamento académico das crianças (Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings & Farrell, 2006; Sturge-Apple, Davies, & Cummings, 2006). Adicionalmente, o conflito interparental silencioso, pelo facto de se caracterizar por ser um conflito marcado pela ausência de resolução constitui um risco para os filhos, provocando angústia, tensão, ansiedade e medo (Pryor & Pattison, 2007).

Hipótese 2. O conflito familiar irá mediar as associações supramencionadas: o conflito interparental silencioso estará associado a níveis mais elevados de conflito familiar que, por sua vez, estarão associados a níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais e a níveis mais reduzidos de bem-estar.

A formação da presente hipótese baseou-se, sobretudo, numa das propriedades do sistema, a totalidade. Sendo a família um sistema, é mais do que a soma dos elementos que dela fazem parte; assim, deve observar-se como é a família no seu todo, como é que cada um funciona de forma individual e também como é que são as interações entre os indivíduos (Alarcão, 2002). Assim, considera-se que o conflito dos pais poderá influenciar a família como todo, mas também os filhos de forma individual. Adicionalmente, como o conflito interparental silencioso é marcado por um conjunto de emoções negativas que podem afetar a família no seu todo (Pryor & Pattison, 2007), hipotetizámos que um dos mecanismos através dos quais o conflito interparental silencioso pode influenciar a adaptação dos filhos é através do aumento dos níveis de conflito da família tal como é percebido pelos filhos.

Método

Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 154 díades: mães com idades compreendidas entre os 34 e os 57 anos ($M = 43.72$, $DP = 4.88$) e crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 8 e os 19 anos ($M = 13.03$, $DP = 2.97$), sendo estes na sua maioria do sexo masculino (58.4%). Relativamente à escolaridade, a maior parte

das mães tinha formação no ensino superior (53.9%) e a maioria das crianças e adolescentes, à data do estudo, encontrava-se a frequentar o 3.º ciclo (32.5%). A amostra estudada era proveniente, maioritariamente, da zona de Lisboa e Vale do Tejo (61%), sendo que 34.4% da amostra era proveniente dos Açores, 1.9% do Centro e do Algarve e, por fim, 0.6% do Norte. Relativamente ao nível socioeconómico (Simões, 1994), a maioria das díades provinha de famílias com um nível socioeconómico médio (47.4%). A descrição detalhada dos participantes encontra-se na Tabela 1.

Procedimento

O presente estudo encontra-se inserido no âmbito de um estudo mais vasto sobre as relações pais-filhos que foi aprovado pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa em dezembro de 2014. Para serem elegíveis para o presente estudo, os participantes tinham de cumprir os seguintes critérios de inclusão: serem mães casadas ou em união de facto e terem pelo menos um filho/a entre os 8 e os 19 anos de idade que assentisse em participar. Os investigadores contactaram famílias da comunidade, recorrendo também ao método “bola de neve”, sendo a amostra deste estudo uma amostra de conveniência.

Quanto às díades, estas quando contactadas tiveram conhecimento do propósito da presente investigação, tal como estava expresso no consentimento informado que lhes foi entregue, sendo que para esclarecer todas as dúvidas aquando o preenchimento, foi facultado o contacto da investigadora responsável pelo presente estudo. Os protocolos de investigação aos quais os participantes responderam eram compostos por vários questionários de autorrelato, existindo versões diferentes para as mães e para crianças e adolescentes. Por fim, os questionários foram devolvidos aos investigadores de acordo com o prazo estipulado para cada caso. O período de recolha da amostra decorreu entre outubro de 2015 e novembro de 2016.

Tabela 1.*Caracterização da amostra (N = 154 díades)*

	<i>n (%)</i>
Sexo crianças/adolescentes	
Feminino	64 (41.6)
Masculino	90 (58.4)
Idade	
Mães	
34-45	100 (65.8)
46-57	52 (34.2)
<i>Valores omissos</i>	2
Crianças/adolescentes	
8-13	82 (53.2)
14-19	72 (46.8)
Escolaridade	
Mães	
1.º - 4.º ano	4 (2.6)
5.º - 6.º ano	7 (4.5)
7.º - 9.º ano	20 (13)
10.º - 12.º ano	39 (25.3)
Licenciatura	60 (39)
Pós-graduação	23 (14.9)
<i>Valores omissos</i>	1
Crianças/adolescentes	
1.º ciclo	28 (18.2)
2.º ciclo	30 (19.5)
3.º ciclo	50 (32.5)
Ensino secundário	43 (27.9)
Curso profissional	1 (0.6)
Ensino superior	2 (1.3)
Zona de residência	
Norte	1 (0.6)
Centro	3 (1.9)
Lisboa e Vale do Tejo	94 (61)
Algarve	3 (1.9)
Região Autónoma dos Açores	53 (34.4)
Nível socioeconómico	
Baixo	30 (19.5)
Médio	73 (47.4)
Alto	50 (32.7)
<i>Valores omissos</i>	1

Variáveis e Instrumentos

Mães.

Conflito interparental silencioso.

O conflito interparental silencioso foi avaliado através da Escala de Conflito Interparental Silencioso (*Silent Interparental Conflict Scale*; SICS), desenvolvida por Kielpikowski, Pyor e Jose (Kielpikowski, 2011) e traduzida e adaptada para a população portuguesa por Tavares, Crespo e Ribeiro (sd), sendo composta por 12 itens cuja resposta é fornecida numa escala de Likert de 5 pontos que varia entre «*Discordo fortemente*» e «*Concordo fortemente*». O presente instrumento é constituído por 3 subescalas: Características do conflito interparental silencioso, sendo composta por itens como «*Durante os conflitos, apesar de não comunicarmos, há muita tensão entre nós*»; Consequências negativas do conflito interparental silencioso, sendo esta constituída por itens como «*Não me consigo concentrar em mais nada quando não falamos um com o outro*» e, por fim, Benefícios do conflito interparental silencioso para os parceiros envolvidos, os quais podem ser visíveis em itens como «*Um período de silêncio e de afastamento um do outro ajuda a perceber melhor o desentendimento*». Para o presente estudo utilizou-se o *score* total da escala constituído por todos os itens do presente instrumento. O alfa de Cronbach da Escala de Conflito Interparental Silencioso neste estudo foi .87.

Crianças/Adolescentes.

Conflito familiar.

O conflito familiar foi avaliado através da Escala de Ambiente Familiar (*Family Environment Scale*; FES), um questionário desenvolvido por Moos e Moos (1986) e traduzido e adaptado para a população portuguesa por Matos e Fontaine (1992) que tem como objetivo a avaliação das perceções que os indivíduos têm relativamente ao contexto e ao ambiente familiar tendo em conta uma perspetiva sistémica. Na presente escala apenas foi utilizada a variável do conflito familiar, composta por 9 itens. Os participantes avaliam o seu grau de concordância com as afirmações utilizando uma escala de Likert

de 6 pontos, em que 1 corresponde a «*Discordo totalmente*» e 6 corresponde a «*Concordo totalmente*». Exemplos de itens da escala do conflito são «*As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar*» e «*As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras*». No presente estudo o alfa de Cronbach para esta escala foi .67.

Problemas emocionais e comportamentais.

Esta variável foi avaliada com o Questionário de Capacidades e de Dificuldades (*Strengths and Difficulties Questionnaire*; SDQ-Por), desenvolvido por Goodman (1997) e traduzido e adaptado para a população portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2005). O presente instrumento é constituído por 25 itens que avaliam sintomas emocionais, problemas de conduta, problemas de relacionamento com pares, hiperatividade e falta de atenção e comportamento pró-social (Becker, Hagenberg, Roessner, Woerner & Rothenberger, 2004). A escala de resposta do presente instrumento é composta por três alternativas que classificam as várias afirmações, variando entre o «*Não é verdade*», «*É um pouco verdade*», e «*É muito verdade*». Este questionário é referente aos acontecimentos dos últimos seis meses e dá origem a cinco subescalas: sintomas emocionais; problemas de comportamento; hiperatividade; problemas de relacionamento com os colegas; e comportamento pró-social. Adicionalmente pode ainda obter-se o total de problemas, que diz respeito à soma de todas as subescalas, exceto a escala de comportamento pró-social. A subescala utilizada na presente investigação foi então referente ao total de problemas, constituída por itens como «*Sou irrequieto/a, não consigo ficar quieto/a muito tempo*» e «*Irrito-me e perco a cabeça muitas vezes*». O score desta subescala obteve no presente estudo um alfa de Cronbach de .71.

Bem-estar.

O bem-estar foi avaliado através da Escala de Bem-estar para Crianças e Adolescentes (*Ryff Wellbeing Scales for Children/Adolescents*; RWS), um instrumento criado no âmbito do Youth Connectedness Project (Jose, Ryan, & Pryor, 2012) e

constituído por 11 itens adaptados da Escala de Bem-estar de Ryff (Ryff & Keyes, 1995) que foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Salvador, Tavares, Crespo e Barros (sd). Os itens foram apresentados através de uma escala de Likert de 5 pontos, a qual varia entre «*Discordo fortemente*» e «*Concordo fortemente*». Assim, 4 itens avaliam as aspirações (e.g. «*Esforço-me muito no presente para construir um bom futuro para mim*»), 4 a confiança (e.g. «*Tenho orgulho em quem eu sou*»), e 3 as relações positivas com os outros (e.g. «*Sou bom a manter relações positivas com os outros*»). Em conjunto, estas dimensões poderão contribuir para avaliar o nível de funcionamento positivo e bem-estar do indivíduo. Para a presente investigação utilizou-se o *score* total da escala. O alfa de Cronbach para a Escala de Bem-estar para Crianças e Adolescente foi de .83.

Análise de dados

Para descrever as características da amostra da presente investigação recorreu-se a análises de frequências e descritivas através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) na versão 22.0 (SPSS Inc., Chicago, IL). As correlações entre as variáveis em estudo foram calculadas através do mesmo *software*. Posteriormente, recorreu-se ao Analysis of Moment Structures (AMOS) na versão 22.0 (AMOS Development Corporation, Meadville, PA) para testar um modelo de equações estruturais (SEM). Utilizando-se o método de estimação da máxima verosimilhança, começou-se por testar o modelo completo com os vários caminhos possíveis e, posteriormente, procedeu-se à eliminação de todos os caminhos que não eram significativos (Jöreskog, 1993 citado por Kline, 2005). Para avaliar o ajustamento do modelo, foram tidos em consideração três índices e respetivos parâmetros: χ^2 não significativo, $CFI \geq .95$ e $RMSEA \leq .06$ (Hu & Bentler, 1999).

Através dos coeficientes de alfa de Cronbach mediu-se a consistência interna dos scores de cada uma das escalas utilizadas na presente investigação. Assim, valores iguais ou superiores a .70 significavam que a escala tinha uma boa consistência interna (Pallant, 2005). Através do coeficiente de Pearson calcularam-se as correlações entre as variáveis, sendo que foram consideradas fortes quando $r \geq .05$, moderadas quando r se situava entre .3 e .49 e fracas quando r situado entre .1 e .29 (Field, 2009).

Resultados

Análises de correlações

A tabela 1 apresenta os valores das correlações entre as variáveis em estudo, nomeadamente, entre o conflito interparental silencioso reportado pelas mães, o conflito familiar, e a adaptação de crianças e adolescentes (problemas emocionais e comportamentais e bem-estar).

Verificou-se que o conflito interparental silencioso não estava correlacionado com os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar das crianças e adolescentes. Porém, observou-se uma correlação positiva entre o conflito interparental silencioso e o conflito familiar, o que significa que quando as mães reportavam níveis superiores de conflito interparental silencioso, as crianças e adolescentes apresentavam níveis mais elevados de conflito familiar. Adicionalmente, verificou-se também uma correlação positiva entre o conflito familiar e os problemas emocionais e comportamentais e uma correlação negativa entre o conflito familiar e o bem-estar reportado pelas crianças e adolescentes. Os dois indicadores de adaptação, problemas emocionais e comportamentais e bem-estar estavam negativamente correlacionados.

Tabela 2.

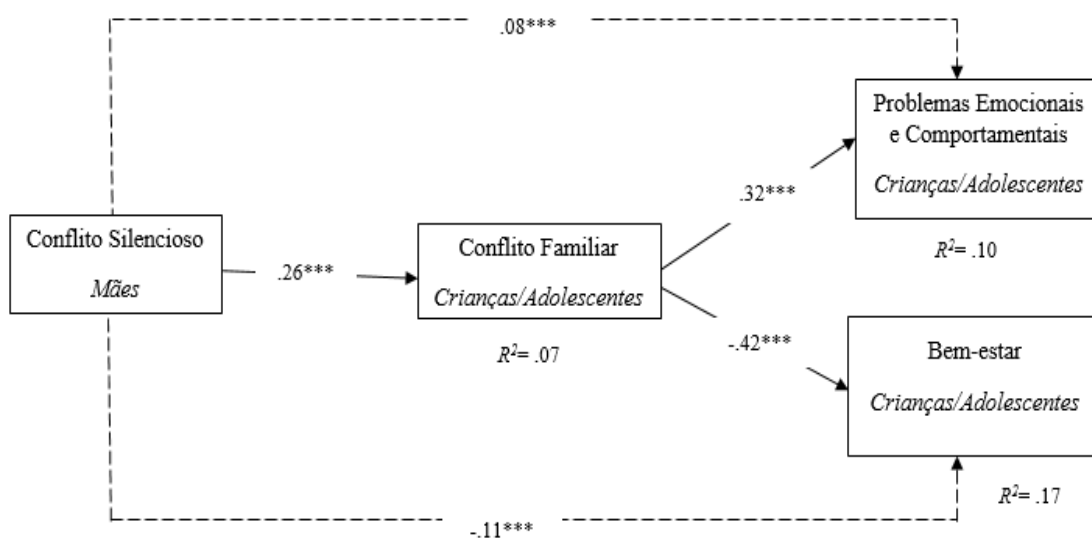
Correlações entre conflito interparental silencioso, conflito familiar, problemas emocionais e comportamentais e bem-estar (N=154 díades) e médias, desvios padrão e alfas de cronbach das variáveis em estudo.

Variáveis							
	1	2	3	4	M	DP	α
Mães							
1. Conflito interparental silencioso	-			-	2.96	.69	.87
Crianças/adolescentes							
2. Conflito familiar	.26**	-		-	2.53	.72	.67
3. Problemas emocionais e comportamentais	.00	.33**	-	-	1.52	.23	.71
4. Bem-estar	.03	-.42**	-.38**	-	4.06	.51	.83

Nota. * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$.

Modelo de mediação

De forma a examinar as associações diretas e indiretas entre o conflito interpacional silencioso reportado pelas mães e a adaptação das crianças e adolescentes através do conflito familiar, testou-se um modelo de *path analysis* (Figura 1). O modelo final demonstrou um bom ajustamento ($\chi^2_2 = 3.97$; $p < .05$; CFI = .97; RMSEA = .08). Não se verificaram efeitos diretos significativos entre o conflito interpacional silencioso e os indicadores de adaptação psicológica das crianças e adolescentes. Os efeitos indiretos foram calculados através no método de *bootstrapping*. Os efeitos indiretos entre o conflito silencioso das mães e os problemas emocionais e de comportamento das crianças e adolescentes ($\beta = .08$, 95% intervalo de confiança [CI = .04, .14]) e entre o conflito silencioso das mães e o bem-estar das crianças e adolescentes ($\beta = -.11$, 95% CI [-.16, -.06]) eram ambos significativos.



* $p < 0.05$. ** $p < 0.01$.

Notas. Os caminhos não significativos não estão representados: os coeficientes apresentados são os estandardizados.

Figura 1. Modelo *path analysis* que testa os efeitos diretos e indiretos entre o conflito interpacional silencioso das mães e os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar das crianças/adolescentes.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar as associações entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica de crianças e adolescentes. O estudo partiu de duas hipóteses principais que prediziam a existência de associações diretas e indiretas, através do conflito familiar, entre conflito interparental silencioso e problemas emocionais e comportamentais e bem-estar. Os resultados infirmaram a primeira hipótese e confirmaram a segunda, isto é, as associações entre conflito interparental silencioso e problemas emocionais e comportamentais e bem-estar não eram diretas, mas sim, apenas indiretas, através da variável mediadora conflito familiar. Primeiramente irão ser discutidos os resultados da análise de correlações inicial, seguidos dos resultados do modelo de mediação.

Verificou-se que o conflito interparental silencioso reportado pelas mães e os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar reportado pelos filhos não se encontravam significativamente correlacionados. Estes resultados não foram ao encontro aos obtidos nos estudos desenvolvidos por El-Sheikh e Reiter (1996), DeArth-Pendley e Cummings (2002), Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings e Farrell (2006) e de Sturge-Apple, Davies e Cummings (2006), os quais compararam algumas variantes do conflito interparental físico e verbal com o conflito interparental não físico e não verbal, isto é, o conflito interparental silencioso. Estes estudos concluíram que o conflito interparental silencioso e o conflito interparental físico e verbal tinham resultados negativos semelhantes na adaptação psicológica de crianças e de adolescentes. Também o estudo de Pryor e Pattison (2007) concluiu que o conflito interparental silencioso estava associado a sentimentos de tensão, ansiedade e medo nos filhos. A inexistência de associações diretas entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica de crianças e de adolescentes, poderá ser explicada pelo facto de o conflito interparental silencioso ser avaliado por parte das mães e a adaptação psicológica, nomeadamente os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar, ser avaliada pelos filhos. Pode hipotetizar-se que, talvez, as associações em questão se revelassem significativas caso os informantes familiares sobre estas variáveis fossem os mesmos, isto é, mães a reportarem o conflito interparental silencioso e a adaptação dos filhos ou filhos a reportarem a sua perceção relativamente a estas variáveis.

No entanto, apesar de não se ter encontrado uma associação significativa entre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica de crianças e adolescentes, torna-se igualmente importante considerar o conflito interparental, uma vez que as percepções e a avaliação que as crianças fazem do seu significado são essenciais para prever a sua adaptação, tal como refere o modelo cognitivo-contextual (Grych and Fincham, 1990). Neste seguimento, como o conflito é inevitável, a questão central diz respeito à forma como os casais resolvem os desacordos. Se o casal conseguir resolver o conflito de forma construtiva e calma, pode ter um efeito positivo nos filhos, ajudando-os a desenvolver estratégias para resolver os seus próprios problemas no futuro (Grych & Fincham, 1990). Pelo contrário, se a situação conflituosa for resolvida por meio de estratégias destrutivas e/ou ineficazes, o conflito conjugal poderá contribuir para o aumento do risco para o desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais nos filhos (Emery, 1982; Kitzmann, 2000). Mesmo que o efeito do conflito interparental silencioso na adaptação das crianças e adolescentes não seja direto, este tipo de conflito poderá contribuir para a manutenção ou agravamento de fatores que conduzem a piores resultados de adaptação, como, por exemplo, o conflito familiar,

Verificámos que quando os filhos reportavam níveis mais elevados de conflito familiar, também apresentavam níveis superiores de problemas emocionais e comportamentais. Estes resultados vão ao encontro de estudos anteriores que apontam que quanto maior a frequência de conflitos dentro do sistema familiar, mais elevados serão os níveis de ansiedade e de agressividade, bem como os problemas de comportamentos dos filhos (Jenkins & Smith, 1991), podendo ainda verificar-se a presença de sintomas depressivos (Katz & Gottman, 1993). Também de acordo com Sturge-Apple, Davies e Cummings (2010) o conflito familiar como um todo, tem sido associado ao desenvolvimento de problemas de adaptação em crianças. Adicionalmente, estes resultados estão de acordo com os resultados obtidos num estudo realizado por Keelan, Schenk, McNally e Fremouw (2014), o qual concluiu que o conflito familiar estava associado a problemas durante a fase da adolescência, nomeadamente, ansiedade, depressão, problemas de comportamento e dificuldades no relacionamento interpessoal. De forma complementar, quando as crianças e os adolescentes reportavam níveis mais elevados de conflito familiar, também apresentavam níveis mais reduzidos de bem-estar. De acordo com Collins e Laursen (2004) o equilíbrio entre as expressões de proximidade e as expressões de conflito permite determinar o impacto que as relações entre pais e

adolescentes têm no desenvolvimento individual. Assim, quanto melhor for a qualidade familiar, ou seja, quanto menor, for a presença de conflito entre os membros da família, maior será a proximidade emocional do filho com ambas as figuras parentais (Booth & Amato, 1994). Um estudo recente (Boutelle, Eisenberg, Gregory & Neumark-Sztainer, 2009) refere que esta conexão emocional desempenha um papel de elevada importância na adaptação psicológica e no bem-estar dos filhos. Os resultados supramencionados poderão também ser explicados tendo em consideração a teoria da segurança emocional (Davies & Cummings, 1994), uma vez que esta defende que a adaptação psicológica das crianças é influenciada pela medida em que se sentem seguras dentro da família. Sabe-se então que a segurança emocional relativamente ao sistema familiar funciona como papel mediador entre o conflito familiar e a adaptação psicológica dos filhos (Cummings, Koss & Davies, 2014).

Por fim, ao nível das correlações, verificámos que os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar reportado pelas crianças e pelos adolescentes estavam correlacionados de forma negativa, o que seria esperado dado que baixos níveis de problemas emocionais e comportamentais e elevado bem-estar são ambos indicadores de uma adaptação positiva.

O modelo de mediação testado permitiu observar as associações diretas e indiretas entre o conflito interparental silencioso e adaptação psicológica das crianças e dos adolescentes através do conflito familiar. Os resultados indicaram a ausência de efeitos diretos e a presença de efeitos indiretos significativos entre o conflito interparental silencioso reportado pelas mães e os problemas emocionais e comportamentais e o bem-estar reportados pelas crianças e pelos adolescentes. Desta forma, foi confirmado o papel mediador do conflito familiar: quando as mães reportavam níveis mais elevados de conflito interparental silencioso, os filhos reportavam níveis mais elevados de conflito familiar e, consequentemente, níveis superiores de problemas emocionais e comportamentais e níveis inferiores de bem-estar. Estas evidências parecem ir ao encontro dos resultados do estudo de Kielpikowski e Pryor (2008). Estas autoras concluíram que o facto de os pais se envolverem num conflito silencioso pode fazer com que se sintam mais frequentemente ansiosos, deprimidos, tensos, cansados e com dificuldades em dormir, o que diminui a disponibilidade emocional para estar com os filhos, uma vez que os pais referem que as tensões existentes entre eles influenciam as interações que desenvolvem com os seus filhos, tornando-os menos pacientes, tolerantes

e acessíveis. Assim, é um exemplo da *hipótese spillover*, a qual se baseia no pressuposto de que os aspetos positivos ou negativos da relação conjugal são transferidos diretamente para a relação entre pais e filhos, existindo uma transferência de afeto, humor e comportamento de um subsistema para o outro (Erel & Burman, 1995). Assim, se a relação de casal for marcada pela existência de conflito, vai constituir uma fonte de *stress* parental, o que vai conduzir a uma diminuição da capacidade que os pais têm para responder de forma apoiante aos filhos (Grych, 2002).

Deste modo, o conflito interparental poderá propiciar o conflito familiar, envolvendo a família no seu todo, uma vez que uma díade familiar pode afetar de forma negativa outras relações familiares, o que resulta em conflitos familiares globais (Horwitz, Neiderhiser, Ganiban, Spotts, Lichtenstein & Reiss, 2010). Os conflitos familiares globais estão, por sua vez, associados a problemas de adaptação em crianças (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2010), bem como na adolescência, nomeadamente, ansiedade, depressão, problemas de comportamento e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (Keelan, Schenk, McNally & Fremouw, 2014). Adicionalmente, coloca-se ainda como hipótese potencialmente explicativa que o facto de os pais se tornarem menos pacientes e acessíveis para lidar com os filhos, pode influenciar de forma negativa a coesão familiar o que, por sua vez, poderá conduzir a níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais e a níveis reduzidos de bem-estar para as crianças e para os adolescentes. Numa perspetiva sistémica, sabe-se que a mudança numa parte do sistema afeta não só essa parte, mas todo o sistema, sendo que a propriedade da totalidade se aplica, no contexto deste estudo ao conflito no sistema familiar e nos seus subsistemas. O conflito entre os pais, neste caso, pode influenciar a família como um todo, o que explica que os filhos reportem níveis mais elevados de conflito familiar quando as mães reportam níveis superiores de conflito interparental silencioso. Este conflito familiar, por sua vez, também vai exercer influência em cada membro de forma individual, como é o caso de níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais e níveis inferiores de bem-estar quando existem níveis mais elevados de conflito interparental silencioso. Desta forma, é importante considerar que o comportamento por parte de um elemento da família vai influenciar a família como todo, mas também cada um dos seus membros (Alarcão, 2002). Assim, conclui-se que o conflito interparental silencioso está associado a resultados negativos de adaptação tanto a nível individual, como também a nível familiar.

Limitações e Implicações para a Investigação

A presente investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente referentes à amostra em estudo. Primeiramente importa referir que uma das limitações se prende com o processo de amostragem por conveniência. Também o facto de o presente estudo apenas incluir a figura parental do sexo feminino constitui uma limitação, uma vez que o conflito interparental silencioso constitui uma variável relativa à relação, sendo que seria importante incluir os pais, enquanto informantes familiares significativos. Ainda relativamente à amostra, esta incluiu uma maior percentagem de crianças e adolescentes do sexo masculino, o que poderá ter tido influência nos resultados, uma vez os rapazes e as raparigas reagem de forma distinta relativamente ao conflito interparental: os rapazes tendem a apresentar perturbações de externalização e a desenvolver comportamentos disruptivos, o que agrava o *stress* parental e perturba o exercício da parentalidade, enquanto as raparigas tendem a apresentar perturbações de internalização e sentimentos de medo, tristeza e distanciamento, o que pode aumentar a empatia por parte de ambas as figuras parentais (Davies & Lindsay, 2004). Apesar de se terem incluído crianças e adolescentes como participantes neste estudo, o reduzido tamanho do rácio participantes/grupo etário não permitiu conduzir análises separadamente para estes dois grupos. A confirmação de que este processo de mediação é igualmente válido para rapazes e raparigas e crianças e adolescentes será um importante contributo da investigação futura. Por último, a natureza transversal deste estudo não permitiu atestar a causalidade entre variáveis. Dada a interdependência entre diferentes níveis de sistemas familiares, é possível concetualizar que o conflito familiar pode influenciar o conflito interparental silencioso, sendo plausível considerar a bidirecionalidade de influência entre estas duas variáveis relativas ao conflito.

Não obstante, apesar das limitações referidas considera-se que a presente investigação contribui para o aprofundamento dos conhecimentos científicos, nomeadamente sobre o conflito interparental silencioso e a adaptação psicológica de crianças e adolescentes. A investigação acerca do conflito interparental silencioso é muito escassa, havendo poucos estudos que se focam nessa variável internacionalmente e, sobretudo, em Portugal. Assim, seria relevante que esta investigação conduzisse a futuros estudos que contribuam para colmatar ou superar as limitações supramencionadas. Neste

sentido, seria pertinente perceber como é que o conflito interparental silencioso influencia crianças em diferentes faixas etárias, principalmente com menos de oito anos de idade, já que esse período não foi considerado neste estudo. Considera-se ainda essencial estudar a influência que o conflito silencioso tem sobre os membros do casal, uma vez que existe também uma escassez de investigações nessa mesma área. Para futuros estudos seria também interessante investigar outros mediadores e outros resultados de adaptação para as crianças e adolescentes, bem como explorar as significações dos filhos acerca do “silêncio conflituoso” dos pais. Por fim, seria interessante desenvolver-se estudos qualitativos, precisamente para compreender o significado que este silêncio tem tanto para os pais, como para os filhos.

Conclusão

Os resultados do presente estudo sublinham a necessidade de continuar a estudar o conflito interparental silencioso uma vez que as suas consequências para a adaptação psicológica de crianças e adolescentes são semelhantes às do conflito interparental verbal e físico. No estudo de Kielpikowski e Pryor (2008) foi possível concluir que o conflito interparental silencioso surgia como tentativa de gerir os conflitos entre o casal, de forma a proteger os filhos de testemunharem conflitos caracterizados por argumentos verbais, partindo do pressuposto de que é uma forma de conflito menos prejudicial para as crianças e para os adolescentes. A partir do presente estudo foi possível observar consequências negativas indiretas do conflito interparental silencioso, tais como níveis superiores de problemas emocionais e comportamentais e menor bem-estar, sendo estes resultados semelhantes aos encontrados para o conflito físico e verbal (El-Sheikh & Reiter, 1996; DeArth-Pendley & Cummings, 2002; Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings & Farrell, 2006; Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2006).

De um ponto de vista de cariz macro, este estudo contribui ainda para a compreensão da influência que o subsistema parental exerce no conflito familiar e na adaptação dos filhos. Especificamente, há implicações práticas destes resultados ao nível da intervenção clínica. Este estudo junta-se a um corpo de evidências consolidadas ao longo dos anos que sugerem que é essencial considerar o subsistema parental quando se desenvolvem intervenções com crianças e adolescentes, devendo avaliar-se a existência

do conflito dentro do sistema familiar, bem como o tipo de conflito predominante. Importa, desta forma, consciencializar os pais para os efeitos prejudiciais que o conflito interparental silencioso tem para as crianças e para os adolescentes, uma vez que a motivação de que o conflito interparental silencioso é menos prejudicial pode estar errada, tendo em conta os resultados do nosso estudo, bem como os do estudo de Pryor e Pattison (2007), El-Sheikh e Reiter (1996), DeArth-Pendley e Cummings (2002), Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings e Farrell (2006) e de Sturge-Apple, Davies e Cummings (2006). A falta de resolução e, conseqüentemente, o desacordo contínuo, que tanto caracteriza o conflito interparental silencioso, pode, inclusivamente, ser um fator que propicia o divórcio do casal. Para alcançar uma resolução eficaz e satisfatória, os conflitos devem ser resolvidos através de uma comunicação construtiva e mútua (Wilmot & Hocker, 2007), para que os elementos do casal não acumulem potenciais ressentimentos que possam existir entre a relação. O impacto emocional do conflito interparental silencioso, bem como a preocupação associada pode afetar não só os pais, como também a relação que estes estabelecem com os filhos comprometendo, assim, a qualidade da parentalidade, a qual pode ser afetada em termos de consistência, atenção, disponibilidade e apoio (Pryor & Pattison, 2007).

Como a família é um sistema e todos os membros que dela fazem parte estão interligados, as relações familiares influenciam-se mútua e continuamente. Inevitavelmente, quando a relação interparental está comprometida, também o bem-estar dos filhos se encontra em risco. Uma das funções principais da família é favorecer o desenvolvimento e a proteção dos filhos (Relvas, 2004), sendo essencial que toda a família, principalmente os pais que funcionam como modelos para os comportamentos que os filhos irão adotar no futuro, aprenda a resolver os conflitos de forma eficaz, por meio de um acordo gerido de forma saudável, através da comunicação. Desta forma, é necessário intervir ao nível das relações entre os pais para que, tanto os elementos do casal, como as crianças e os adolescentes possam beneficiar de um contexto familiar propício ao desenvolvimento saudável.

Referências Bibliográficas

- Ackard, D. M., Neumark-Sztainer, D., Story, M., & Perry, C. (2006). Parent–child connectedness and behavioral and emotional health among adolescents. *American Journal of Preventive Medicine*, 30, 59–66. doi: 10.1016/j.amepre.2005.09.013
- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares*. (2ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Becker, A., Hagenberg, N., Roessner, V., Woerner, W., & Rothenberger, A. (2004). Evaluation of the selfreported SDQ in a clinical setting: do self-reports tell us more than ratings by adult informants? *European Child and Adolescent Psychiatry*, 13(2), 17–24. doi: 10.1007/s00787-004-2004-4
- Benson, M. J., Buehler, C., & Gerard, J. M. (2008). Interparental hostility and early adolescent problem behavior: Spillover via maternal acceptance, harshness, inconsistency, and intrusiveness. *The Journal of Early Adolescence*, 28, 428-454. doi: 10.1177/0272431608316602
- Booth, A., & Amato, P. R. (1994). Parental marital quality, parental divorce, and relations with parents. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 21-34. doi: 10.2307/352698
- Boutelle, K., Eisenberg, M. E., Gregory, M. L., & Neumark-Sztainer, D. (2009). The reciprocal relationship between parent–child connectedness and adolescent emotional functioning over 5 years. *Journal of Psychosomatic Research*, 66(4), 309-316. doi: 10.1016/j.jpsychores.2008.10.019
- Bradford, K., Vaughn, L. B., & Barber, B. K. (2008). When there is conflict: interparental conflict, parent–child conflict, and youth problem behaviors. *Journal of Family Issues*, 29(6), 780-805. doi: 10.1177/0192513X07308043
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and the Family*, 64, 78-92. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x

- Buehler, C., Krishnakumar, A., Stone, G., Anthony, C., Pemberton, S., Gerard, J., & Barber, B. K. (1998). Interparental conflict styles and youth problem behaviors: A two-sample replication study. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 119-132. doi: 10.2307/353446
- Christensen, A., & Heavey, C. L. (1990). Gender and social structure in the demand/withdraw patterns of marital conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 73-81. doi: 10.1037/0022-3514.59.1.73
- Cox, M. J., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual review of psychology*, 48(1), 243-267.
- Cox, M. J., Paley, B., & Harter, K. (2001). Interparental conflict and parent-child relationships. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research and application* (pp. 249-272). New York: Cambridge University Press.
- Christopher, C., Umemura, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital quality over the transition to parenthood as a predictor of coparenting. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3636-3651. doi: 10.1007/s10826-015-0172-0
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). In Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.), Parent-adolescent relationships and influences. *Handbook of adolescent psychology*, 2, 331-362.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1994). Maternal depression and child development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35(1), 73-122. doi: 10.1111/j.1469-7610.1994.tb01133.x
- Cummings, E. M., & Davies, P. (1996). Emotional security as a regulatory process in normal development and the development of psychopathology. *Development and Psychopathology*, 8(1), 123-139. doi: 10.1017/S0954579400007008
- Cummings, E. M., Koss, K. J., & Davies, P. T. (2015). Prospective relations between family conflict and adolescent maladjustment: Security in the family system as an explanatory mechanism. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 43, 503-515. doi: 10.1007/s10802-014-9926-1
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological bulletin*, 116(3), 387-411. doi: 10.1037/0033-2909.116.3.387

- Davies, P. T., & Lindsay, L. L. (2004). Interparental conflict and adolescent adjustment: Why does gender moderate early adolescent vulnerability?. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 160. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.160
- Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., Winter, M. A., Cummings, E. M., & Farrell, D. (2006). Child adaptational development in contexts of interparental conflict over time. *Child Development*, 77, 218-233. doi: 10.1111/j.1467-8624.2006.00866.x
- De Arth-Pendley, G., & Cummings, E. M. (2002). Children's emotional reactivity to interadult nonverbal conflict expressions. *Journal of Genetic Psychology*, 163, 97-112. doi: 10.1080/00221320209597971
- DeKlyen, M., & Greenberg, M. T. (2008). Attachment and psychopathology in childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment, theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 637–666). New York: Guilford Press.
- El-Sheikh, M., Buckhalt, J. A., Mize, J., & Acebo, C. (2006). Marital conflict and disruption of children's sleep. *Child Development*, 77, 31-43. doi: 10.1111/j.1467-8624.2006.00854.x
- El-Sheikh, M., & Reiter, S. L. (1996). Children's responses to live interadult conflict: The role of form of anger expression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 24, 401-415. doi: 10.1007/BF01441564
- Emery, R. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92(2), 310-330. doi: 10.1037/0033-2909.92.2.310
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108
- Feinberg, M. E., & Kan, M. L. (2008). Establishing family foundations: intervention effects on coparenting, parent/infant well-being, and parent-child relations. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 253. doi: 10.1037/0893-3200.22.2.253
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS*. Sage publications.
- Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2004). *Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa*.

- Gerard, J. M., Buehler, C., Franck, K., & Anderson, O. (2005). In the eyes of the beholder: Cognitive appraisals as mediators of the association between interparental conflict and youth maladjustment. *Journal of Family Psychology*, 19(3), 376-384. doi: 10.1037/0893-3200.19.3.376
- Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586.
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the perspective of US and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 327. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.327
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marriage processes. *Annual Review of Psychology*, 49, 169-197. doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.169
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: a longitudinal view. *Journal of consulting and clinical psychology*, 57(1), 47-52. doi: 10.1037//0022-006X.57.1.47
- Gottman, J. M., & Silver, N. (1999). *The seven principles of making marriage work: A practical guide from the country's foremost relationship expert*. (2.^a ed.). New York: Crown Publishers.
- Grych, J. H. (2002). Marital relationships and parenting. *Handbook of parenting*, 4, 203-225.
- Grych, J. H. (2005). Interparental conflict as a risk factor for child maladjustment: Implications for the development of prevention programs. *Family Court Review*, 43, 97-108. doi: 10.1111/j.1744-1617.2005.00010.x
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290.
- Grych, J. H., Fincham, E. N., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000). Interparental conflict and child adjustment: Testing the mediational role of appraisals in the cognitive-contextual framework. *Child Development*, 71, 1648-1661. doi: 10.1111/1467-8624.00255

- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and psychopathology*, 16(3), 649-65. doi: 10.1017/S0954579404004717
- Horwitz, B. N., Neiderhiser, J. M., Ganiban, J. M., Spotts, E. L., Lichtenstein, P., & Reiss, D. (2010). Genetic and environmental influences on global family conflict. *Journal of Family Psychology*, 24(2), 217. doi: 10.1037/a0019064
- Hu, L. & Bentler, P. (1999). Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1): 1–55. doi: 10.1080/10705519909540118
- Jenkins, J. M., & Smith, M. A. (1991). Marital disharmony and children's behaviour problems: Aspects of a poor marriage that affect children adversely. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 32(5), 793-810. doi: 10.1111/j.1469-7610.1991.tb01903.x
- Jose, P. E., Ryan, N., & Pryor, J. (2012). Does social connectedness promote a greater sense of well-Being in adolescence over time? *Journal of Research on Adolescence*, 22, 235-251. doi: 10.1111/j.1532-7795.2012.00783.x
- Katz, L. F., & Gottman, J., M. (1993). Patterns of marital conflict predict children's internalizing and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, 29, 940-950. doi: 10.1037/0012-1649.29.6.940
- Katz, L. F., & Low, S. M. (2004). Marital violence, co-parenting, and family-level processes in relation to children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, 18(2), 372. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.372
- Katz, L. F., & Woodin, E. M. (2002). Hostility, hostile detachment, and conflict engagement in marriages: Effects on child and family functioning. *Child Development*, 73(2), 636-652. doi: 10.1111/1467-8624.00428
- Keller, P.S., Cummings, E. M., Peterson, K. M., & Davies, P. T. (2009). Marital conflict in the context of parental depressive symptoms: Implications for the development of children's adjustment problems. *Social development*, 18, 536-555. doi: 10.1111/j.1467-9507.2008.00509.x

- Keelan, C., Schenk, A., McNally, M., & Fremouw, W. (2014). The interpersonal world of bullies: Parents, peers, and partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(7), 1338–1353. doi: 10.1177/0886260513506278
- Kielpikowski, M. M. (2011). *Family dynamics and children's outcomes: The role of silent interparental conflict*. (Unpublished doctoral thesis). Victoria University of Wellington.
- Kielpikowski, M. M., & Pryor, J. E. (2008). Silent parental conflict: Parents' perspective. *Journal of Family Studies*, 14, 217-227. doi: 10.5172/jfs.327.14.2-3.217
- Kitzmann, K. M. (2000). Effects of marital conflict on subsequent triadic family interactions and parenting. *Developmental Psychology*, 36, 3–13. doi: 10.1037/0012-1649.36.1.3
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling*. Guilford Press.
- Margolin, G., Christensen, A., & John, R. S. (1996). The continuance and spillover of everyday tensions in distressed and nondistressed families. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 304. doi: 10.1037/0893-3200.10.3.304
- Matos, P. M., & Fontaine, M. (1992). *Family environment scale – FES. Adaptação portuguesa. Manuscrito não-publicado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- McBride, B. A., & Mills, G. (1993). A comparison of mother and father involvement with their preschool age children. *Early Childhood Research Quarterly*, 8(4), 457-477. doi: 10.1016/S0885-2006(05)80080-8
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-301. doi: 10.2307/1129720
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*, 8. Oxford, England: Harvard University Press.
- Moos, R. & Moos, B. (1986) *Family Environment Scale - Manual* (2^a ed.). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Murphy, S. E., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2016). What's so bad about competitive coparenting? Family-level predictors of children's externalizing symptoms. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1684-1690. doi: 10.1007/s10826-015-0321-5

- Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: Tests of the spillover, crossover, and compensatory hypotheses. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 671. doi: 10.1037/a0015977
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167. doi: 10.1111/1467-6427.00144
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3.^a ed., pp. 514-548). New York: Guilford Press.
- Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, N. I. (1983). *Families: What makes them work*. Los Angeles: Sage
- Pallant, J. (2007) *SPSS Survival Manual. A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS* (3th ed). Maidenhead: Open University Press.
- Papp, L. M., Kouros, C. D., & Cummings, E. (2009). Demand-withdraw patterns in marital conflict in the home. *Personal Relationships*, 16(2), 285-300. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01223.x
- Pryor, J. E., & Pattison, R. (2007). Adolescents' perceptions of parental conflict: The downside of silence. *Journal of Family Studies*, 13, 72-77. doi: 10.5172/jfs.327.13.1.72
- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. (3th ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ryff, C. D., Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *J. Pers. Soc. Psychol.* 69:719-27. doi: 10.1037/0022-3514.69.4.719
- Salvador, Tavares, Crespo e Barros (sd). *Ryff Wellbeing Scales for Children/Adolescents – RWS*. Adaptação portuguesa. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Sandler, I. N., Kim-Bae, L. S., & MacKinnon, D. (2000). Coping and negative appraisal as mediators between control beliefs and psychological symptoms in children of divorce. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(3), 336-347. doi: 10.1207/S15374424JCCP2903_5

- Shantz, C. U., & Hobart, C. J. (1989). Social conflict and development: Peers and siblings. In T. J. Brendt & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships and child development* (pp. 71-94). New York: Wiley.
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2006). Impact of hostility and withdrawal in interparental conflict on parental emotional unavailability and children's adjustment difficulties. *Child Development*, 77, 1623-1641. doi: 10.1111/j.1467-8624.2006.00963.x
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2010). Typologies of family functioning and children's adjustment during the early school years. *Child development*, 81(4), 1320-1335. doi: 10.1111/j.1467-8624.2010.01471.x
- Tavares, Crespo & Ribeiro (sd). *Silent Interparental Conflict Scale - SICS. Adaptação portuguesa*. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Tschann, J., M., Flores, E., Pasch, L., A., & Marin, B., V. (1999). Assessing interparental conflict: Reports of parents and adolescents in European American and Mexican American families. *Journal of Marriage and the Family*, 61(2), 269-283. doi: 10.2307/353747
- Watzlawick, P., Beavin, H., & Jackson, D. (2004). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da integração*. (14th ed.). São Paulo: Cultrix.
- Wilmot, W. W., & Hocker, J. L. (2007). *Interpersonal conflict* (7th ed.). New York: McGraw-Hill.